POSSÍVEL PROPOSTA METODOLÓGICA DE ANÁLISE DOCUMENTAL PARA A HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Rayssa Raquel Marinho[1]
rayssaredatora@gmail.com
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO (BRASIL)

RESUMO. Este artigo apresenta uma proposta metodológica para a historiografia linguística, fundamentada na compreensão de que o pensamento linguístico se desenvolve de forma não linear, por meio de processos de continuidade, descontinuidade e ruptura. A partir da noção de camadas do conhecimento linguístico de Swiggers (2004), discute-se a interação entre as camadas teóricas, técnicas, documentais e contextuais na constituição das teorias. O trabalho propõe um modelo de investigação segmentado que considere a análise linguística de fontes primárias e secundárias, destacando o papel dos contextos institucionais e culturais na produção do conhecimento. Defende-se, assim, uma abordagem interpretativa que permita compreender como as transformações em uma camada do conhecimento, como o contexto ou a teoria, podem repercutir nas demais ao longo do percurso histórico da linguagem.
PALAVRAS-CHAVE. Historiografia Linguística; Metodologia; Análise Documental; Gramática.

ABSTRACT. This article presents a methodological proposal for Linguistic Historiography, grounded in the understanding that linguistic thought develops in a non-linear manner through processes of continuity, discontinuity, and rupture. Drawing on Swiggers's (2004) notion of layers of linguistic knowledge, the paper discusses the interaction among theoretical, technical, documentary, and contextual dimensions in the constitution of linguistic theories. It proposes a segmented model of analysis for the linguistic examination of primary and secondary sources, highlighting the role of institutional and cultural contexts in the production of knowledge. An interpretive approach is thus advocated to explain how transformations in one layer of knowledge, such as context or theory, may reverberate across others throughout the historical development of language.
KEYWORDS. Linguistic Historiography; Methodology; Documentary Analysis; Grammar.

[1] Estudante de doutoramento em Língua Portuguesa e Linguística.

1. Introdução

O pensamento linguístico não é linear; ele se desenvolve em esferas e níveis de continuidade e descontinuidade, sendo marcado por estagnações, retomadas e rupturas teóricas. Assim, nesse viés, destacam-se os conceitos de retóricas de continuidade e de ruptura, propostos por Murray (1994), bem como a noção de camadas do conhecimento linguístico, formulada por Swiggers (2004). A compreensão desses aportes exige uma retomada da obra de Kuhn (1962) — visto que, segundo Koerner (2014), esse autor passou a influenciar a história da linguística —, e uma reflexão acerca dos processos a partir dos quais novos coletivos científicos se formam e atuam em contextos de crise ou superação de teorias dominantes, atentando para as transformações sócio-históricas que podem, ou não, desencadear reconfigurações teóricas.

O conhecimento científico, nessa perspectiva, é concebido como uma prática situada histórica e socialmente, não se constituindo de maneira isolada ou autônoma. Sua produção envolve tanto dimensões internas, relativas à elaboração teórica, quanto dimensões externas, vinculadas aos contextos institucionais, sociais e culturais nos quais se insere. Em razão disso, a compreensão histórica, fundamentada em documentos e circunstâncias específicas, permanece em constante processo de revisão e reconstrução (Marinho, 2025). Assume-se, neste trabalho, a compreensão histórica como o entendimento do percurso histórico dos conhecimentos produzidos sobre a linguagem, considerando seus processos de constituição e transformação ao longo do tempo.

No campo da historiografia linguística, essa reconstrução da realidade histórica ocorre a partir de recortes analíticos e procedimentos interpretativos próprios da área. Tal abordagem decorre de uma postura crítica que busca afastar explicações personalistas do desenvolvimento do pensamento linguístico. Para isso, é necessário um olhar amplo e construtivo (Batista, 2013), a partir do qual se torna possível reconstruir, no presente, um olhar sobre o passado por meio de análises de fontes e dados que possibilitam interpretar períodos e fatos da história da linguística.

Essa discussão acompanha as produções históricas dos estudos sobre a linguagem ao defender uma postura menos subjetiva, compreendendo a amplitude dos estudos historiográficos, com suas fundamentações e estudos. A reflexão sobre a elaboração da narrativa historiográfica e a análise dos dados é possível, de acordo com Batista (2024), por

meio de autores como “Konrad Koerner (1939-2022), em especial seu livro de 1978, Dell Hymes (1927-2009), em seu texto de 1974, Pierre Swiggers, em seu texto de 2004, Brigitte Schlieben-Lange em capítulos de seu livro publicado em 1993” (p. 288).

Assim, em vez de atribuir o progresso científico a um único autor ou a uma obra isolada, privilegia-se a análise do contexto intelectual mais amplo que sustenta a constituição de determinados paradigmas de investigação (Koerner, 2014). Essa orientação possibilita compreender de que modo os estudos linguísticos se articulam a estruturas mais abrangentes, nas quais fatores externos à obra dialogam diretamente com seu conteúdo.

A investigação em historiografia linguística, nesse sentido, mobiliza procedimentos metodológicos e observações voltadas aos processos de desenvolvimento da linguagem, com atenção aos movimentos de continuidade e ruptura (Koerner, 1972, 2014; Swiggers, 2004) o que demanda sistematização e abordagens de caráter multidisciplinar. Segundo Koerner (2014), a estruturação da historiografia linguística começa a ser maturada de fato quando o livro de Thomas S. Kuhn, *The Structure of Scientific Revolutions* (1962), começou a exercer influência sobre a história da linguística (Hymes, 1974). Como afirma Koerner (2014), “aos esforços individuais de alguns autores (Grotsch 1982; Koerner 1978; Schmitter 1982) sucederam-se colóquios e volumes coletivos dedicados ao assunto” (p.46).

Assim, a partir do final da década de 1960, observa-se um interesse crescente de pesquisadores pelas questões metodológicas e epistemológicas desse campo. Contudo, foi sobretudo na década de 1970, com a consolidação da História das Ciências como disciplina geral — impulsionada pela publicação da obra de Thomas Kuhn — que a História da Linguística encontrou condições mais favoráveis para seu desenvolvimento teórico (Koerner, 2014).

Além disso, embora a obra de Konrad Koerner, publicada na década de 1970, seja frequentemente apontada por estudos historiográficos como marco inicial da consolidação da Historiografia Linguística como disciplina científica no campo dos estudos da linguagem, foi o texto de Dell Hymes — mais especificamente a introdução escrita em 1983 para sua antologia de 1974, *Traditions and Paradigms* — que, do ponto de vista metodológico, fundamentou os rumos da pesquisa na área, conforme observa Cristina Altman (2012). Ainda assim, alguns

estudiosos destacam a existência de uma contribuição anterior, o trabalho de Yakov Malkiel (1969), que antecipa, em certa medida, essa discussão (Azevedo, 2004; Serra, 2004).

Pode-se compreender, portanto, que houve, por um lado, um movimento de inserção em uma historiografia reformulada a partir da Europa nos anos 1970, configurando-se como uma especialidade orientada por princípios reconhecidos como científicos. Nessa conjuntura, a teoria de Thomas Kuhn (1962), apresentada em *The Structure of Scientific Revolutions*, oferece um modelo interpretativo fundamental ao conceber a história da ciência como marcada pela constituição de paradigmas e por períodos de revolução científica. De acordo com essa perspectiva, a chamada *ciência normal* corresponde às atividades científicas orientadas à resolução de problemas dentro dos limites de um paradigma aceito, não tendo como objetivo imediato a formulação de novos fatos ou teorias, mas o aprofundamento e o refinamento do conhecimento já estabelecido.

Paralelamente, torna-se indispensável considerar o contexto social no qual os discursos científicos são produzidos, incluindo a formação de comunidades de especialidade[2], a influência de fatores históricos e sociais na legitimação de propostas linguísticas e a recepção dos paradigmas ao longo do tempo. Reconhecem-se, assim, as interações entre iniciativas individuais e dinâmicas coletivas que moldam práticas intelectuais e científicas em contextos mediados pela linguagem (Batista, 2020).

Nesse quadro, Koerner (2014) destaca que a reconstrução objetiva e imparcial dos principais aspectos do passado linguístico, bem como a explicação das causas das mudanças de orientação e das descontinuidades observadas, constitui um desafio significativo para o trabalho acadêmico individual. Tal empreendimento exige não apenas amplo domínio do objeto de estudo, mas também um conhecimento de caráter quase enciclopédico, em razão da natureza interdisciplinar que caracteriza a historiografia linguística.

De acordo com Murray (1994), no âmbito da sociologia da ciência, os grupos de pesquisadores tendem a adotar estratégias discursivas que reforçam a continuidade de suas investigações, desenvolvendo linhas de pesquisa ancoradas em trabalhos anteriores. Em geral, tais coletivos não reivindicam rupturas radicais com as ideias que os precedem, mas buscam

[2] Segundo Batista (2020), comunidades de especialidade são grupos de estudiosos que se reúnem em torno de teorias e métodos compartilhados, não necessariamente de maneira institucional. Eles se reconhecem como integrantes de uma comunidade que valida e troca ideias sobre suas atividades científicas e intelectuais.

ampliar, ajustar e refinar conceitos já consolidados, recorrendo, para isso, a uma retórica de continuidade.

Essa dinâmica se articula à noção de paradigma, entendido como um conjunto compartilhado de conceitos, teorias, métodos e critérios que orientam a atividade científica em determinado período. A adesão a práticas comuns por parte de uma comunidade científica contribui para a manutenção de padrões recorrentes de produção e para a regularidade dos resultados obtidos, o que sustenta a estabilidade do campo (Kuhn, 1962).

À medida que uma disciplina avança, contudo, emergem interpretações concorrentes e diferentes escolas de pensamento. Em determinado momento, uma dessas perspectivas se impõe como dominante, oferecendo uma estrutura teórica unificadora que direciona a pesquisa (Kuhn, 1962). A partir daí, os pesquisadores passam a concentrar seus esforços em problemas mais delimitados e a divulgar seus resultados por meio de produções escritas, como artigos e outros gêneros acadêmicos.

Segundo Kuhn (1962), esse equilíbrio pode ser desestabilizado quando determinados fenômenos deixam de ser explicados pela teoria vigente, dando origem ao reconhecimento de anomalias. Tais tensões conduzem a processos de revisão e reconfiguração teórica, característicos da chamada *ciência extraordinária*, podendo culminar em crises paradigmáticas. Nesse estágio, a comunidade científica se fragmenta em diferentes propostas, até que, por meio de um processo de adesão coletiva, um novo paradigma se consolida, inaugurando um novo ciclo científico.

Ao transpor essa interpretação para os estudos da linguagem, surgem desafios, uma vez que, diferentemente das ciências exatas, os paradigmas linguísticos não se substituem de forma excludente, mas frequentemente coexistem e competem entre si (Batista, 2013). Ainda assim, a teoria kuhniana permanece relevante para a compreensão dos mecanismos de continuidade e ruptura no campo linguístico.

Nesse contexto, Murray (1994) reformula as categorias de *ciência normal* e *ciência revolucionária* propostas por Kuhn (1962), substituindo-as pelas noções de retórica de continuidade e retórica de ruptura (ou revolucionária). Para o autor, os grupos científicos podem alternar entre a valorização da continuidade das ideias anteriores e a defesa de mudanças profundas, sendo essa escolha retórica condicionada por fatores sociais, institucionais e

contextuais. Dessa forma, os coletivos científicos podem se posicionar tanto na manutenção quanto na transformação dos paradigmas em circulação (Marinho, 2025).

Já no âmbito da retórica revolucionária, os grupos que a mobilizam tendem a reivindicar uma ruptura expressiva em relação às ideias anteriormente consolidadas. Nessa perspectiva, afirmam ter alcançado descobertas inovadoras ou transformadoras, capazes de romper com o paradigma científico em vigor. Para Murray (1994), a adoção desse tipo de retórica é condicionada por fatores como o elitismo relativo, a idade profissional e o acesso ao reconhecimento, funcionando, muitas vezes, como um recurso para conferir legitimidade e visibilidade às propostas do grupo.

Ao abordar essa perspectivação retórica, Murray (1994), em *Theory groups in science*, afirma que o elitismo relativo no campo científico diz respeito à posição ocupada pelo pesquisador em termos de prestígio social, formação acadêmica e vínculo institucional. Aqueles que se encontram em posições mais privilegiadas costumam dispor de maiores recursos e oportunidades para difundir propostas inovadoras, enquanto pesquisadores situados em contextos menos favorecidos podem enfrentar limitações adicionais na tentativa de introduzir novas abordagens.

A idade profissional, por sua vez, refere-se aos diferentes momentos da trajetória científica e influencia tanto as escolhas metodológicas quanto a percepção das possibilidades de reconhecimento. Pesquisadores em início de carreira tendem a assumir posturas mais ousadas, ao passo que cientistas mais consolidados podem adotar atitudes mais cautelosas. De modo semelhante, o acesso percebido ao reconhecimento — associado ao prestígio institucional, à circulação das publicações e à reputação acadêmica — pode incentivar a adoção de estratégias discursivas mais radicais como forma de destacar determinadas pesquisas (Murray, 1994).

Diante disso, a compreensão dos processos de ruptura paradigmática exige a consideração de fatores externos à produção científica propriamente dita, de modo a captar as dinâmicas de continuidade e descontinuidade em jogo. Segundo Swiggers (2004), infere-se, nessa acepção, que a retórica ultrapassa a dimensão estritamente persuasiva, englobando as formas verbais e textuais por meio das quais a comunidade científica e seus integrantes

constroem percepções sobre suas identidades, práticas investigativas e modos de difusão do conhecimento.

Dessa forma, essa proposta metodológica de análise propõe investigar os movimentos de continuidade, descontinuidade e ruptura a partir de camadas de conhecimento, nas quais considera também aspectos internos e externos da obra. É possível visualizar que fatores externos, como o contexto sócio-histórico, podem interferir nas teorias, romper e propor inovações, assim como podem perpetuar o movimento de continuidade. Para isso, Swiggers (2004) propõe uma análise em quatro camadas, contextual, documental, técnica e teórica.

2. Camadas do Conhecimento Linguístico

Como mencionado na seção anterior, as mudanças na linguística e nos estudos sobre o percurso da linguagem são influenciadas por múltiplos fatores e, por isso, essas variações não podem ser analisadas ou compiladas a partir de uma única teoria isolada. Swiggers (2004) propõe abordar os estudos da linguagem em campos separados, organizados em: visão geral da linguagem, progresso das pesquisas em curso, técnicas empregadas, documentação linguística e contexto cultural e institucional[3].

Certas abordagens apresentam limitações, pelo fato de ora privilegiarem uma leitura ampla dos documentos históricos, que tende a tratar as mudanças como processos gerais e inevitáveis, ora adotarem uma perspectiva mais situada, centrada em explicações pontuais, o que acaba por não abarcar de forma integrada os conhecimentos, as práticas e os sistemas de crenças que constituem a evolução da disciplina.

A proposta de Swiggers (2004, 2020), denominada "condicionamento múltiplo", busca superar explicações unidimensionais, adotando uma perspectiva relativista que integra diferentes campos e modelos teóricos, como o paradigma-revolução de Kuhn (1962). Essa abordagem permite considerar fatores contextuais e múltiplas causas na evolução da disciplina, sem impedir a construção de um metamodelo capaz de articular os diversos elementos que influenciam mudanças de paradigma.

[3] A demonstração das camadas do conhecimento apresentadas nesta seção foi adaptada de uma dissertação apresentada pela autora em 2025 (Marinho, 2025), bem como de modelos analíticos já utilizados por outros pesquisadores na área. O recorte ilustra o significado de cada uma das camadas e apresenta exemplos de sua aplicação.

Para construir um metamodelo de multicamadas, é necessário adotar uma narrativa em camadas que descreva o desenvolvimento de uma disciplina científica. Swiggers (2020) propõe essa abordagem, que se aproxima da análise de Galison (1987) sobre a microfísica, organizada em níveis experimental, instrumental e teórico (Ferreira, 2021; Polachini, 2018). Cada camada reúne princípios teóricos e técnicos, muitas vezes conflitantes, influenciados por contextos e instituições distintos. A compreensão dessas camadas permite analisar como e por que motivo certos eventos ocorreram (ou não) na trajetória histórica do estudo da linguagem.

Assim, é proposto por Swiggers (2020) que a mudança de paradigma seja observada por meio das camadas ou dimensões, a saber: camada teórica, camada documental, camada técnica e camada contextual, as quais são fundamentais para a observação de um modelo operatório na linguística. A evolução dos modelos teóricos ocorre devido à disparidade entre os diversos âmbitos que compõem tais dimensões. É importante ressaltar que as mudanças não ocorrem de forma síncrona em todas as camadas; cada uma delas é capaz de passar por rupturas e retomadas sem comprometer a estrutura como um todo.

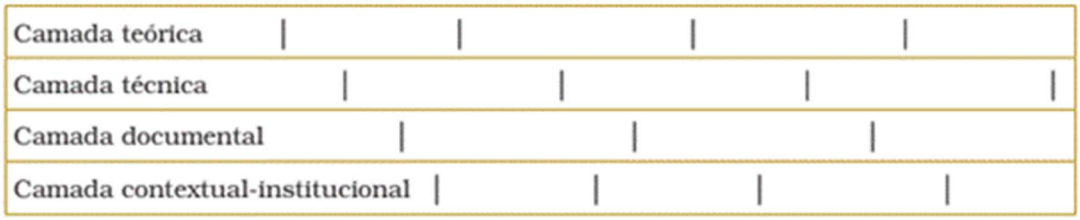


FIGURA 1. Camadas do conhecimento linguístico. Fonte: Swiggers (2020, p. 4).

A camada teórica está relacionada com a visão geral da linguagem e com o status dos estudos realizados; a camada técnica inclui os procedimentos utilizados e como os dados foram apresentados; a camada documental corresponde à documentação linguística e filológica sobre a qual se sustenta o estudo linguístico, considerando o número de línguas, tipos de fontes e de dados; por fim, a camada contextual/institucional corresponde ao contexto cultural e à conjuntura institucional em que ocorrem a reflexão e a prática linguísticas. Conforme destacado por Swiggers,

> A camada teórica corresponde à visão global da linguagem, à concepção das tarefas e ao estatuto da linguística; a camada técnica inclui as técnicas de análise (linguística/gramatical) e os

> métodos de apresentação dos dados; a camada documental corresponde à documentação linguística e filológica (número de línguas, tipos de fontes e de dados) sobre a qual se baseia o estudo linguístico; a camada contextual e institucional (esta última se torna mais importante à medida que nos aproximamos da época moderna) da reflexão e da prática linguísticas. (Swiggers, 2004, p. 134, tradução nossa[4])

Segundo Ferreira (2021), isso se evidencia na história da tradição gramatical, na medida em que, apesar das mudanças em certos aspectos das diferentes esferas do conhecimento linguístico que compõem a gramática – como a transição de modelos teóricos racionalistas para modelos "científicos", tanto teórica quanto contextualmente; ou a mudança do foco da língua latina para a língua portuguesa, em termos documentais e técnicos –, a estrutura fundamental da doutrina gramatical permanece praticamente inalterada.

Em resumo, a dinâmica da Linguística como disciplina científica pode estar relacionada com mudanças dentro de uma única camada, na interação entre duas camadas ou, eventualmente, em toda a estrutura. O objetivo deste trabalho é compreender como elas mudaram entre si e quais as suas abordagens, observando, principalmente, as possíveis mudanças teóricas. Na Tabela 1 foi exemplificada uma forma de fazer uma análise documental segundo o modelo de Swiggers (2004):

Camada	Definição	Exemplo possível de análise
Teórica	Visão global da linguagem, concepção das tarefas e estatuto da disciplina; inclui modelos teóricos e posicionamento dos gramáticos (Swiggers, 2004).	Examinar conceitos teóricos como partes do discurso ou categorias gramaticais, ou qualquer conceito delimitado presente internamente na fonte.

[4] Texto original: La capa teórica corresponde a la visión global del lenguaje, a la concepción de las tareas y del estatutos de la lingüística; la capa técnica incluye las técnicas de análisis (lingüístico/gramatical) y los métodos de presentación de los datos; la capa documental corresponde a la documentación lingüística y filológica (número de lenguas, tipos de fuentes y de datos) sobre la cual se basa el estudio lingüístico; la capa contextual e institucional (esta última se hace más importante a medida que nos acercamos a la época moderna) de la reflexión y de la práctica lingüísticas (Swiggers, 2004, p.134).

Camada	Definição	Exemplo possível de análise
Técnica	Técnicas de análise linguística/gramatical e métodos de apresentação dos dados.	Avaliar quais métodos e instrumentos poderiam ser aplicados para organizar e interpretar os dados linguísticos, incluindo abordagens descritivas ou prescritivas, ou observando se segue determinado modelo de organização.
Documental	Documentação linguística e filológica que sustenta o estudo, considerando número de línguas, tipos de fontes e dados.	Selecionar tipos de fontes, corpora ou obras literárias que poderiam ser analisadas, identificando a relevância de diferentes registros e autores, como os exemplários.
Contextual / Institucional	Contexto cultural e institucional da prática e reflexão linguísticas; inclui clima de opinião, agendas acadêmicas e influências externas.	Considerar fatores históricos, sociais ou institucionais que poderiam afetar a produção de conhecimento, como leis, período histórico, avanço científico, etc.

TABELA 1. Camadas de Análise Metodológica (baseado em Ferreira (2021), Marinho (2025) e Polachini (2018)).

A Tabela 1 apresenta uma síntese das diferentes teorias, assim como vários exemplos de como estas podem ser segmentadas e analisadas em diferentes camadas, a partir do modelo e da divisão metodológica apresentada brevemente neste trabalho.

3. Considerações Finais

A historiografia linguística possui metodologias próprias, orientadas tanto pelas fontes quanto pelo próprio fazer historiográfico. Ao propor um modelo de análise baseado em segmentações em camadas, este trabalho oferece um instrumento sistemático para a leitura e interpretação de fontes primárias e secundárias, partindo do pressuposto de que as mudanças

linguísticas e teóricas não se dão de forma isolada, mas emergem da interação entre níveis de descrição, análises teóricas e contextos de produção do conhecimento.

Nesse sentido, os documentos historiográficos devem ser compreendidos em seu contexto sócio-histórico, no qual transformações em uma camada podem repercutir sobre outras, sejam elas técnicas, teóricas ou documentais. Essa perspectiva permite uma leitura mais integrada dos processos de continuidade, ruptura e reconfiguração do campo, reforçando a importância de considerar os condicionamentos institucionais, culturais e epistemológicos que moldam a reflexão e a prática linguísticas.

Assim, a teoria de Swiggers (2020) abre uma possibilidade e um novo olhar para a obra sob as perspectivas intralinguística e extralinguística, tornando possível o acompanhamento de seu percurso e de suas mudanças linguísticas. Acredita-se, desse modo, que uma obra apresenta múltiplas camadas, capazes de influenciar e dialogar com outras teorias. Encarar a obra como um todo implica também percebê-la em suas particularidades, como um organismo vivo e repleto de nuances.

Referências bibliográficas

Azevedo, K. E. R. (2004). As relações entre a historiografia linguística e a linguística textual. *Revistas Ecos, 1*(2). https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/1054

Batista, R. O. (2013). *Introdução à historiografia da linguística*. Cortez.

Batista, R. O. (2020). *Fundamentos da pesquisa em historiografia da linguística* (1ª ed.). Editora Mackenzie.

Batista, R. O. (2024). Dimensões da pesquisa em historiografia linguística. In M. Q. Leite, M. M. S. Hackerott, & C. C. de Siqueira (Orgs.), *Tópicos em historiografia da linguística: Das práticas linguísticas à meta-historiografia* (pp. 287–332). Universidade de São Paulo.

Ferreira, E. G. M. (2021). *Uma historiografia do processo brasileiro de gramatização da colocação pronominal em gramáticas oitocentistas* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba].https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22643

Galison, P. (1987): *How Experiments End*. University of Chicago Press.

Hymes, D. (1974). Introduction: Traditions and paradigms. In D. Hymes (Ed.), *Studies in the history of linguistics: Traditions and paradigms* (pp. 1–38). Indiana University Press.

Koerner, E. F. K. (1972). Towards a Historiography of Linguistics 19th and 20th Century Paradigms. *Anthropological Linguistics, 14*(7), 255–280. http://www.jstor.org/stable/30029109

Koerner, E. F. K. (2014). *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Kuhn, T. S. (1962). *The structure of scientific revolutions*. University of Chicago Press.

Malkiel, Y. (1969). The Five Sources of Epenthetic /J/ in Western Hispano-Romance: A Study in Multiple Causation. *Hispanic Review, 37*(2), 239–275. https://doi.org/10.2307/471735

Marinho, R. R. (2025). O estatuto das partes da oração em gramáticas racionalistas do Brasil oitocentista. [Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro].https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/24812/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Rayssa%20Raquel%20Marinho%20da%20Silva%20-%202025%20-%20Completa.pdf

Murray, S. O. (1994). *Theory Groups and the Study of Language in North America: A social history*. John Benjamins.

Polachini, B. S. (2018). *Uma história serial e conceitual da gramática brasileira oitocentista de língua portuguesa* [Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo]. http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-06072018-120101/

Swiggers, P. (2004). Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística. In C. J. C. Zumbado, J. D. Luis, A. N. T. González, D. C. Díaz, & F. M. P. Picón (Coords.), *Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística* (pp. 113–146). Arco Libros.

Swiggers, P. (2020). A dinâmica na (/da) história da linguística: posições e deslocamentos de "camadas". *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura, 22*(1), 1–9. https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETLL2012968.